O *TAIS*

Desde os Primórdios à Contemporaneidade

Fernanda de Fátima Sarmento Ximenes

Universidade Nacional Timor Lorosa'e

nanda_sar@yahoo.com.br

This paper is in draft form. You are welcome to cite it, but **please reference it appropriately** – for instance in the following form:

Fernanda de Fátima Sarmento Ximenes, '*O TAIS* – Desde os Primórdios à Contemporaneidade', Paper presented at the conference 'Timor-Leste: Memórias e História da Antropologia' – on 4th August 2012 (UNTL – Díli), online version of 16th October 2012, available at http://www.historyanthropologytimor.org/ (downloaded on [*date of access*])

Introdução

A tecelagem é o artesanato mais antigo da humanidade. A Bíblia narra que, logo após o pecado original, Adão e Eva descobriram que estavam nus e, por isso, a sua primeira preocupação foi vestirem-se de folhas de bananeira. Como substituição dessas folhas, foi-se aperfeiçoando a indumentária humana. Fiar e tecer constituem atividades, cujo nascimento se perde nas teias confusas da História, na resposta a uma necessidade social básica – o vestir. Estas atividades de tecelagem ganharam outras formas à medida que a capacidade humana se foi desenvolvendo sob pressão da natureza (as condições meteorológicas, a proteção ao corpo) e da cultura (o pudor), desfiam-se as fibras alheias (animais ou vegetais) para com elas tecer um produto que cobrisse o homem. E surge o tecido. Este trabalho do homem veio a constituir-se uma atividade económica para a produção de riqueza.

Elemento histórico realizador que ajudou a transformar corpos e inteligência humana, a atividade têxtil sempre esteve, por outro lado, profundamente ligada às sociedades camponesas, dado extrair-se da pecuária ou da agricultura as matérias-primas capazes de produzirem fio. E, à medida que se sobrou da sua utilização diária e se criou o mercado, funcionou como trabalho complementar que permitiu outros tipos de receita traduzida em moeda, fortalecendo o exercício de troca às populações rurais que trabalhavam em espaços agrícolas pequenos, de produção limitada.

O presente artigo refere-se à existência, utilização e valor cultural do *tais*, um tecido tradicional da cultura timorense, grosseiro, feito de algodão em teares domésticos bastante toscos, por nativas de quase todas as regiões de Timor, tanto na ponta leste como na oeste, mas também em outros países do mundo. Antigamente usava-se o *tais* exclusivamente como indumentária rudimentar. Existem porém, nos dias atuais, usos mais abrangentes dos antigos e tradicionais que constituem mensagens culturais e representativas do país ao modernismo dos seus objetos. No entanto, pode-se constatar que são muito reduzidos os registos sobre a sua confeção primitiva e poucos se importam com o valor cultural que o tais representa. Tendo em conta que isso pode representar uma ameaça para este artesanato tradicional primitivo e a sua substituição por materiais mais modernos, torna-se necessário haver um registo o mais possível completo dessa produção caseira que é uma riqueza patrimonial do nosso país. Baseando-se nestas considerações, a autora propõe-se a inventarizar e ilustrar aspectos que considera relevantes para entender o valor e a importância do *tais*.

O *tais* como elemento do património cultural timorense, é conhecido e utilizado em todo o país Leste timorense, com algumas variações entre diferentes locais, no que se refere à sua confeção, utilização bem como seu valor cultural. São ainda poucos os registos escritos sobre ele; os mais antigos foram elaborados por missionários portugueses que relatavam aspetos da

realidade observada neste país a partir de sua própria experiência. Ainda hoje, muitas pessoas conhecem o *tais* apenas como uma simples peça de vestuário. Todavia, ele é utilizado nas cerimónias culturais tradicionais como: *estilo* – cerimónia religiosa tradicional; *barlaque* – dote de casamento, cerimónia fúnebre, visitas de entidades, lembranças, etc. Este objeto possui expressão cultural em diferentes momentos da vida do povo timorense e tem uma utilização que a muitos é desconhecida.

1. Valor do *Tais*

Para confirmar, seguidamente são apresentadas algumas referências de escritores portugueses que por este país passaram e se preocuparam com alguns registos no intuito de preservar estes valores; relativamente ao grau ou nível social do utilizador do *tais* Martinho (1943, p.172) afirma:

> "A indumentária timorense marca o grau de prosperidade ou da pobreza do indígena, indumentária de festa e de guerra que satisfazia a vaidade de quem a usava e era orgulho das mulheres que manufacturavam aqueles tecidos".

Esta afirmação traduz o valor cultural do tais tanto para quem usa com satisfação e vaidade nos dias de festa ou como sinal sagrado e defensivo para os guerreiros no campo da batalha, bem como o orgulho que representa para suas confecionantes que são valorizadas pelo seu trabalho. De facto, o saber tecer constituía uma das condições culturais necessárias para que uma rapariga pudesse ser escolhida noiva de entre outras, igualmente formosas, ricas e instruídas. Continua o mesmo autor:

> "Nos primeiros tempos, em certas regiões do interior, as mulheres recusaram-se a aceitar inovações. À lipa foi declarada Guerra. Diziam as recalcitrantes que tal peça de vestuário marcava a mulher prostituta, a do Estado – as que têm trato com "malai"(op.cit.p.172).

Quer isto dizer que já desde tempos remotos Timor estava aberto a outras culturas exteriores. No entanto esta comparação, embora simples e de uma certa mentalidade que poderíamos chamar de atrasada, marca a identidade cultural da mulher timorense no seu vestuário tradicional e o valor que a sociedade dá ao produto do seu próprio trabalho, ao resultado da sua luta diária. Sendo a lipa de origem malaia, esta atitude já constituía um grito de repúdio e de revolta soltado pela mulher timorense naqueles tempos anteriores à ocupação e à

invasão militar indonésia. Mesmo sem poder saber dos sofrimentos que viriam escrever uma página negra da história do seu povo e do seu país e ela que seria a maior vítima dessa ocupação, de alguma forma pressentira e tentara evitar.

Por sua vez, Pascoal 1954 p. 195 aponta a sua riqueza como um valor económico na narrativa intitulada Chico-Tó: "O Governador Hugo de Lacerda incumbiu Chico-Tó de ir a Manu-Fahi cobrar *fintas* e *gastos*, não em dinheiro mas em *panos nativos*, em cordas de sisal e outras, em cestos e mais artigos".

Os têxteis de Timor, tal como nas outras sociedades camponesas, têm um papel muito importante tanto nos rituais das comunidades, na actividade económica do país, como no seu significado cultural. Estes panos nativos a que se refere a narrativa acima vêm dar complemento ao valor cultural e económico que o *tais* tem desenvolvido e assegurado desde os tempos remotos até a atualidade. O não pagamento de fintas e gastos era motivo de trabalhos forçados ao estado sem remuneração e até à cadeia. Porém, os panos poderão servir para evitar maiores males.

Muito conhecida a obra de Ruy Vaz Monteiro Gomes Cinatti, – Engenheiro agrónomo, silvicultor e poeta chegou pela primeira vez a Timor em 1946/47. Desde essa data, Ruy Cinatti mostrou-se interessado pela ilha e pela sua cultura; dotado de um dom natural para comunicar em poesia, chega à antropologia pela sua capacidade de amar a Terra, o Homem e Deus. No que se refere ao *tais*, Cinatti (1987 p. 50) declara:

> "O valioso dote oferecido pela família do noivo em rezes, oiro, representa a compensação material entregue à família da noiva pela perda de um seu elemento activo é a base e esteio material de casamento. Funciona o dote, em última análise, como garantia do bom comportamento dos cônjuges".

Esta referência feita mostra que naqueles tempos, e em muitas regiões permanecem até à atualidade, os casamentos em Timor eram realizados sob elevado *barlake*/dotes (entre *Fetosan Umane* – familiares do noivo e da noiva) que a família do noivo tinha que pagar à família da noiva antes do casamento, fosse este gentílico e tradicional ou religioso que é retribuído com tais, porcos, arroz, *mortens*.

Ligado ao Instituto de Investigação Científica, António de Almeida – Professor de história e, posteriormente, Secretário Perpétuo da Sociedade de Geografia, foi, juntamente com os seus colaboradores, o autor do livro "O Oriente de Expressão Escrita". Neste livro encontram-se reunidas obras selecionadas do citado autor, especialmente as referentes a Timor e Macau desde 1958 até 1992, nas áreas de seu estudo científico, subdividido em pré-história, antropologia, física e sociocultural que continua a ser usada até aos dias de hoje. Almeida (1994 p.393) traz uma interessante observação sobre o uso do *tais*:

> "...uma porção simbólica dos melhores órgãos do corpo (fígado, coração, cêrebro) dos animais abatidos constituem comida dos espíritos deposta num altar da casa *lulik* (sagrada) coberto de *tais feto* junto dos ídolos, estimula a produção agrícola..."

Esta afirmação comprova a utilização do *tais* como objeto requerido nas cerimónias religiosas tradicionais de petição ação de graças e de oferta das primícias para obter uma boa e abundante colheita. Talvez isso tenha influenciado, o uso do *tais* também como enfeite nas cerimónias religiosas e litúrgicas.

Sílvio Sant'Ana é um pesquisador brasileiro que organizou o livro-clipping intitulado " Timor Leste – este país quer ser Livre", prefaciado pelo sociólogo Herbert de Sousa, conhecido como Betinho. Esta obra constitui uma recolha de traduções, cartas, depoimentos, entrevistas de várias pessoas empenhadas no movimento da autodeterminação de Timor Leste, entre as quais declaração do pesquisador, escritor e activista dos direitsos humanos, Matthew Jardine sobre massacre de santa Cruz; excertos de textos sobre: invasão indonésia, resposta da ONU à invasão, apoio da Austrália e outros à Indonésia, poemas de autores timorenses, depoimento de D.Carlos Ximenes Belo SDB, bispo de Timor, entrevista com Dr. José Ramos Horta antes de receber Nobel da Paz e outros.

Sílvio L.Sant'Ana, numa conversa com os professores timorenses do Curso de Capacitação de Professores do Telecurso realizado no Rio de Janeiro e em Brasília, em Outubro e Novembro de 2000, afirmou: "Havia apenas uma pequena *salenda* (cachecol) de *tais* oferecida ao Rev.mo Bispo que se passava a cada membro do "Grupo Solidário de S. Domingos" nos encontros para recordarmos a luta do seu povo Sem Voz". Esta afirmação traduz a importância e o valor cultural que o *tais* representa na luta histórica do seu povo para obter a tão sonhada independência contando com a solidariedade internacional.

Teresa Amal, angolana, começou o seu primeiro trabalho de solidariedade em Timor como membro da Missão Oficial de Observação Portuguesa em Timor Leste - MOPTL, durante a preparação e a realização da Consulta Popular em 1999.

Na sua obra intitulada "Timor Leste: Crónica da Observação da Coragem", publicada em 2002 descreveu a sua emocionante experiência de poder viver pertinho do coração da tragédia, observando diretamente a luta e a esperança de um povo feito rostos, vozes e sons concretos comparados com os que se passavam apenas imagens pela televisão e média. Nesta sua crónica, fez referências ao *tais* comentando:

> "...espreitei os *tais* estendidos para a venda que tinham sido feitos para os *misters* e as *misses.* ... Resolvi tentar encontrar um *tais* bonito que eu pudesse ter comigo

para a vida como se fosse o talismã trazido da terra dos fatalucos (Amal 2002, p.”).

Esta *malae*, talvez em sua única visita feita a Timor, conseguiu estabelecer diferença entre os tais feitos para os *misters* - e para as *misses* – exibidos nas montras do bazar de *tais*, em Colmera, ou os transportados por vendedores ambulantes pelas ruas da cidade de Díli; estes visam quase exclusivamente objetivos económicos mais rápidos sem considerarem a qualidade dos seus produtos. Contrariamente com os que são conservados em seus locais específicos como lembrança viva de uma luta histórica, dura, cruel mas heróica dum povo, e que como tal contêm um valor singular como uma relíquia sagrada do ente querido da sua família que tombou no campo da batalha pela libertação do seu povo.

Com base na entrevista feita ao senhor Monrique, da Fundação Alola, os *tais* mais preferidos pelos *malaes*, ou os mais escoados no mercado são os mais tradicionais, isto é, os feitos com fios e motivos decorativos tradicionais embora exalando odor desagradável.

Afirma, ainda, o entrevistado que as tecedeiras, ao tecerem um *tais,* já têm objetivos definidos como por exemplo:

- para vestir a filha que, embora seja retribuído com um número elevado de búfalos, *belak, surik...*, constitui a esperança da felicidade e fidelidade conjugais da filha. Neste contexto, segundo Eugénio, o *tais* é oferecido sob estes ditos:

Simu netik kabas lahan kmesak ne’e
Nu’u hirik lahan ida kesi namutuk,
Atu uma kain buras iha kolun buras iha rahun
Buras mos iha domin Maromak. (recebe este fio singular como único elo de ligação pela felicidade conjugal, pela criação dos filhos, no pleno amor de Deus).

Estes *tais* ainda são oferecidos aos filhos viajantes mediante *dadolin* (poema):

Oan mane la’o rai	ao filho viajante
Biti tais lahan	esteira de tais
Sumasu ai-abut,	chumaço de raízes,
biti tais lahan	esteira de tais

ou para ornar um guerreiro na luta pela libertação ainda sob outro *dadolin.*

Oan mane ba funu	o filho que vai à guerra
Ba no futar	vai bem trajado
Funu to’o taa ulun	vem a guerra e corta a cabeça
Taa no futar	corta com o traje

As obras mencionadas datadas de diferentes épocas traduzem a ideia da importância e do valor cultural que este objeto tradicional representa na história cultural do povo timorense desde os primórdios à contemporaneidade.

2. Tecelagem do *tais*

2.1. Tradicional

Fig.1 & 2 - Descaroçamento do algodão (Kaixin)

Para se fiar utilizavam-se "*rama oan*" (pequenas lanças) para enrolar o algodão descaroçado em novelos que depois se iam fiando por meio de uma operação conhecida por *ti'i kabas* - fiação.

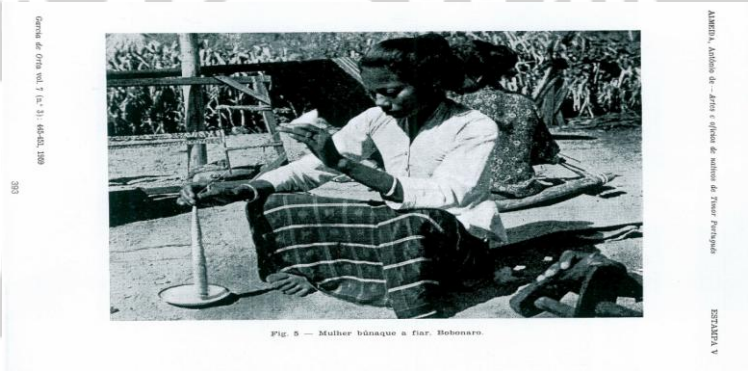

Fig. 3. *"ti'i kabas*.(foto de António de Almeida)

Tecia-se um *tais* branco e comprido que os homens usavam como "*hakfolik*"/ langotim. Esta indumentária pode ser comparada com a utilizada pelos judistas (os que praticam o desporto japonês de judo nos campos de jogo). No entanto, Castro (1928, p.145) afirma que, posteriormente, foi descoberto "*taun*"[1] com que se tingia o fio de preto

> "Não faltaram na flora timoresa as plantas tintureiras para a fabricação dos *batiks* de Java, a *soga* (*Peltophorum ferrugineum* Bent) que dão tons de castanho, a *dijirek* (*Simplocas fasciculata*), o anil, o pau brasil".

[1] Planta campestre, cuja folha é utilizada para tingir a linha de preto.

A partir de então, o tais branco original vinha sofrendo transformações inicialmente nos tons predominantes de preto, vermelho e verde, respectivamente obtidos a partir de folhas de "*Taun*", raízes da árvore "*Menuk*" e de folhas de "*Mivem*"- plantas tintureiras silvestres. Existem ainda regiões que utilizam, além do *taun," kinur"* - açafrão, e folhas de *"aiteka"* – árvore cuja madeira é utilizada para fabrico de mobiliários as quais, depois de pisadas e com adicionamento de lama ou de cal são introduzidas em panelas de barro. As linhas, depois de atadas com "*hirik*" – fibra de folha de palmeira – as partes que se não querem tintas segundo motivos decorativos baseado em amostras de ponto de cruz crochetes ou de desfiado, são conservadas nesses líquidos durante 24 horas a fim de tomarem as cores desejadas (entrevista com a tecedeira Agostinha Soares).

Figura 4 – *"Kalu-bidak"* nas zonas de Soibada e Laclúbar

Figura 5 – As diferentes fases da tingidura

Figura 6 – *"hali tais"* – (tecelagem - kaixin)

Seguidamente são apresentados alguns modelos do *tais* caraterísticos dos distritos expostos no mercado do tais de Colmera.

Figura 7 – *Tais mane* de Laclúbar

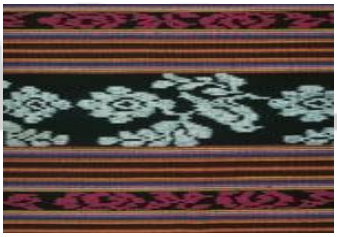

Figura 8 – *Tais feto* de Laclúbar

Figura 9 – *Tais* de Oecusse(motivos religiosos)

Figura 10 – *Tais* de Bobonaro

Figura 11 – *Tais feto* de Bunak

Figura 12 – *Tais feto* de Lospalos

Figura 13 – *tais* de Marobo

Figura 14 – *tais* de Atsabe

Figura 15 – *Tais* de Suai

2.2. Motivos decorativos

Segundo Tomáz (1994, p.604), os "motivos decorativos " por vezes geométricos, curvilíneos ou vegetalistas são comuns também os motivos de renascença e de clássicos ocidentais. Os de Oe-Cusse e os de Atsabe motivos geométricos do velho fundo austro-asiático".

Os motivos predominantes nos sub-distritos de Laclúbar e Soibada são o "*bibi-nehan/ karau-nehan"* – dentes de cabrito e de búfalo (losângulo e triângulo) que recordam sempre o vestimento anterior a este, isto é "*ai-muti kulit*" (fibra/casca de árvore) utilizada por qualquer pessoa em contraste com o motivo "*kabura dikin (*ponta de feto) – *sabulu liurai*" para a classe social mais elevada – liurai; além disso, a diferença reside ainda no *"tais lahan*"(motivo decorativo). Para a classe social mais elevada – "*liurai"* - o *lahan* (motivo decorativo)12 a 14 enquanto que para *"usi"/* liurai puro, *lahan* 16. O tipo do *tais* mais indicado para "*Dato"* – classe social tradicional com função legislativa – é o de 8 motivos. Esses motivos básicos do *tais* são feitos em: *"babonat, futos, sukit* (maneira de tecer)". O "*sihi"* é cosido na barra de cor homogênea do tais como se cose ponto de cruz em qualquer pano; no entanto, o motivo deste tipo só é visível numa face e desfia-se com facilidade sendo a sua tecelagem mais fácil de ser realizada, mas menos concorrido no mercado.

2.3. Modelos do tais

Os modelos do *tais* utilizados em tempos passados eram poucos:

- *Tais* – espécie de xaile de tecelagem nativa, que os homens usam da cintura aos pés quando se apresentam em traje de festa ou de guerra;
- *Sabulu* – pano tecido em teares domésticos que as mulheres usam como saia;
- *Tais cahen* – *tais* semelhante a um xaile destinado aos homens que o lançam meio dobrado sobre o ombro de modo que uma das pontas caia por detrás até aos artelhos. Distingue-se dos outros por ser um pouco menor;

- *Cacáluc* ou *calabaca* são bolsas de algodão mais ou menos do mesmo feitio e tamanho que os homens trazem a tiracolo com apetrechos e ingredientes para o mastigatório tradicional.
- Segundo entrevista com o senhor José Sabino Ximenes existem ainda estes modelos de "*tais koli*" - tais largo, proveniente da junção de dois ou três tais, utilizado nas cerimónias fúnebres.
- *Tais Amarasi – tais* pequenos utilizados para selar cavalo dos *liurais*.

Atualmente, segundo entrevista com a Fundação Alola, os modelos do *tais* ganharam nova face com a influência de outras culturas e com ele confecionam-se vários objetos, como: carteiras, saquinhos para telemóvel, chapéus, saquinhos para baton e caneta (*usb),* foto álbum, porta-retrato, porta-moedas, brincos e colares, calçado feminino e masculino, malas de mão. Com isso visa-se atrair turistas e curiosos e são um meio de desenvolvimento da economia do país.

Figura 16 – colares e brincos de *tais*

Figura 17 – malinhas de mão (FA)

Figura 19 – Calçado feminino de *tais* (SR)

Figura 20 – Calças de *tais (SR)*

Figura 21 - Malinha de mão de *tais* (SR)

Figura 22 - *"Calabaka"* de *tais (MT)*

3. O *tais* noutros eventos culturais

Este objeto tradicional é utilizado nas diversas cerimónias culturais como se pode comprovar com a entrevista feita ao senhor Francisco de Nascimento – mestre da palavra de Soibada.

> "Além de servir como peça de vestuário, antigamente, já se utilizava também o *tais* no seu aspeto cultural em sinal de amizade, agradecimento, ou prenda a um ente familiar ou amigo; utilizava-se também nas cerimónias culturais de nascimento, de "*dame-mal, fó-sala* (pazes)", como reconhecimento do erro cometido, pedido de perdão e sinal de reacolhimento; de "*fetosan-umane*" (família do noivo e da noiva) o irmão da noiva coloca um tais no pescoço do noivo em sinal de aceitação como membro da família da noiva; os pais e os familiares da noiva retribuem com *tais* o *barlaque*. "O *tais* era também utilizado para cobrir a cama, como cortinado das casas, para enfeitar cadeiras e cátedras substituindo esteiras anteriormente usadas como sinal de respeito e consideração aos visitantes".

Nas cerimónias fúnebres, o *tais*, quanto mais delicado e largo for é mais valorizado, e o oferecido pelo irmão da mãe do defunto em sinal de proteção aos sobrinhos órfãos, como se pode ver na imagem, eles, embrulhados num único tais dão sete voltas ao caixão, em sinal de unidade e solidariedade, sendo o tio um dos maiores responsáveis para que a união na família se conserve durante a vida, e isto é simbolizado pelo *tais* por ele oferecido. Esta tradição simboliza a separação dos filhos com o defunto crendo que, mesmo depois da morte, o espírito continua velando pelos vivos. O tais utilizado nesta cerimónia é conhecido por *"tais koli"*. Este tais só poderá ser entregue à "*Inatu*"(irmã mais velha do pai) depois desta cerimónia.

Figura 23 – *"Umu gube tabati"(makasae)* – Pedido de proteção – sinal de separação com o defunto

Ainda nas cerimónias fúnebres, em algumas regiões como Baucau, quando o irmão (primo ou tio) ou o *lia-na'in* da parte da mãe deseja exigir parte do dote ou algo dos filhos do/a defunto/a, aproveita a oportunidade do enterro para se cobrir com um *tais* e introduzir-se na

cova preparada para o enterro impedindo que este se realize como se pode ver nas imagens a seguir.

Figura 24 - *" Mana-gutu-sege" (macassae*)

Na imagem vimos que o irmão da mãe do defunto cobre-se com um tais mane e introduz-se na cova preparada para o enterro impedindo que este se realize - vienciada e documentada pela autora. Depois o ancião sair da cova, esta é coberta com o melhor e maior *tais mane* e fica pronta para efetuar o enterro.

Figura 25 – Cova pronta para o enterro

Este só sai da cova para, quando o filho (irmão ou tio do defunto) se disponibilizar a indemnizá-lo com um número determinado de animais, espadas ou dinheiro[2]; embora esta cultura seja limitada ou exclusiva de algumas regiões, demonstra o valor que o *tais* possui na cultura do povo timorense. Todavia existem teares modernos com capacidades de tecelagem surpreendentes utilizados nas regiões apoiadas por Timor Aid – como comprovam as imagens abaixo:

[2] Ritual vivenciado e documentado pela própria autora

Figura 26 – Trabalho da margen superior do *tais*

Figura 27 – Margem inefrior do *tais* (Hatu Udu – Ainaro)

Figura 28 – Tecedeira de Viqueque

Figura 29 - Tear moderno – modelo da Tailândia (Timor Aid)

4. O *tais* nas cerimónias religiosas

O *tais* mane e os seus acessórios também podem ser utilizados não só nas cerimónias religiosas tradicionais como já foi dito, mas também em outras cerimónias como se pode ver nas imagens a seguir:

Figura 30 – Jovem no traje tradicional festivo

Figura 31 – Deposição do traje tradicional para ser substituído pelo religioso (vivenciada pela autora)

As evidências apresentadas neste trabalho mostram que o tais, de simples tecido rústico passou a permear na vida e a cultura timorenses. É como uma expressão máxima dessa cultura que pode ser considerada símbolo de Timor: o objeto mais representativo da cultura timorense. De facto, é difícil pensar em outro objeto tão representativo de Timor quanto o *tais* pelo seu valor cultural, pelos valores simbólicos que representa e pela contribuição no desenvolvimento económico do povo.

Dado o valor do *tais* na cultura timorense e a importância deste produto na economia do país como acima referido, sugere-se que o governo promova a utilização do *tais* na indumentária oficial timorense como: exigindo o uso desta indumentária nas comemorações festivas nacionais, como aliás era feito no tempo da ocupação indonésia quando os funcionários públicos todas as quintas-feiras eram obrigados a utilizar o *tais* e algumas escolas utilizavam-na nas atividades extracurriculares e até mesmo como uniforme escolar. Sugere-se, também, ao Ministério da Solidariedade e Serviço Social um apoio mais consistente aos fabricantes dos *tais* rurais e aos vendedores ambulantes deste produto no sentido de promover a sua qualidade e comercialização. Além disso, é necessário que haja um apoio extra no sentido de elevar o nível da produção do *tais*. Espero, assim, que o registo de todas as suas riquezas orais tradicionais e sua divulgação permitam que os próprios timorenses e principalmente, às gerações vindouras tenham maior consciência da sua própria herança cultural tradicional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, António, *O Oriente de Expressão Portuguesa*, Fundação Oriente, Lisboa, 1994 pág. 393

AMAL Teresa*, Crónica da Observação da Coragem*, Coimbra, 05, 2002

CASTRO, Alberto Osório de, *"A Ilha Verde e Vermelha de Timor"* Edições Cotovia, Lda, Lisboa,1996

CINATTI, Ruy Vaz Monteiro Gomes , ALMEIDA, Leopoldo e MENDES, Sousa A*rquitectura Timorense*, (Instituto de Investigação Científica Tropical Museu de Etnologia)1987, pág.5

KAIXIN, Liang *"Changing Tais Fabric of a Nation"* Copyright, 2007

MARTINHO, Capitão José Simões T*imor Quatro Séculos de Colonização Portuguesa,* Livraria Progredior, Porto, 1943.

PASCOAL, Ezequiel Enes, *a Alma de Timor vista na sua fantasia,* Braga, 1967; publicado na Seara, 1954

SANT'ANA, Sílvio L. Organizador e Pesquisador do livro *Timor Leste Este País quer sere livre*, Martin Claret Lda, S.Paulo, 1997

TOMÁZ, Luís Filipe F.R, *De Ceuta a Timor*, 2ª ed. DIFEL, Lisboa, 1994